

Bate-Cabeça: uma observação do movimento Punk nos dias de hoje através de grupos do Facebook¹

Bruno César da Silva ZUCCOLI

Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo tem como objetivo colocar em perspectiva o movimento Punk nos tempos atuais, traçando um paralelo com sua história e observando as mudanças no decorrer de sua existência. A partir dessa análise, busca-se entender quais fatores fizeram o movimento estar no estado que se encontra e como os indivíduos que se enxergam dentro do Punk relacionam-se entre si. Para isso, a metodologia se baseia na observação de grupos de Facebook, uma vez que é o ambiente virtual que apresenta uma certa organização e que permite certificar com mais propriedade que as interações observadas são entre membros do movimento.

PALAVRAS-CHAVE: Punk, Comunicação, Identidade, Internet.

Introdução

O Punk, como gênero musical, sempre me intrigou. Desde que comecei a criar minha preferência acerca de músicas, escolhia bandas que se identificavam com esse estilo. Quando fui amadurecendo cada vez mais esse meu gosto, fui notando como o Punk influencia diversos gêneros até os dias de hoje. Contudo, o fator que realmente desperta minha curiosidade nesse gênero é a forte veia política presente, identificada por diversos estudos sobre o tema (GALLO, 2008; SILVA; SILVA, 2019; ROSSETTI; SANTORO JUNIOR, 2015). É possível considerar que toda manifestação artística é política, mesmo que o autor queira um pretensão distanciamento dessa questão.

Nesse contexto de ruptura de valores é interessante, também, observar como os punks se organizam. Em um movimento que tem elementos anarquistas em sua formação, como encontrar uma unidade? É possível um movimento encontrar consistência em um movimento que não tem uma liderança condensada em uma pessoa ou em um pequeno grupo? Por essa razão, observar como os membros desse movimento interagem não é só essencial para entender a organização do Punk, mas como um interesse de pesquisa.

¹ Trabalho apresentado na IJ05 – Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Tudo isso culminou na escolha do tema deste artigo (que faz parte de meu trabalho de conclusão de curso) ser o estudo dessas características políticas ativas do Punk na cena da cidade de São Paulo. A escolha da cidade de São Paulo não se limitou apenas pela facilidade geográfica, mas também por sua história na cena Punk.

Contudo, por conta da pandemia de Covid-19 que se instaurou no país a partir de fevereiro de 2020, foi necessário repensar a metodologia e, com o agravamento do quadro do vírus, rever toda a proposta de estudo. Foi necessário então pensar em uma solução que possibilitasse a obtenção de dados, encontrando as redes sociais como alternativa. O que seria, em um primeiro momento, observar as interações no “mundo real”, mudou para o “mundo virtual”. Nesse sentido, a metodologia e a abordagem do trabalho sofreram uma boa revisão para adequar à nova realidade. Os grupos de Facebook foram escolhidos pelo recurso de criar grupos reunindo indivíduos com interesses em comum, permitindo interações e discussões. No total, seis grupos com temática que envolvem o universo do Punk foram observados.

1. A politização do movimento

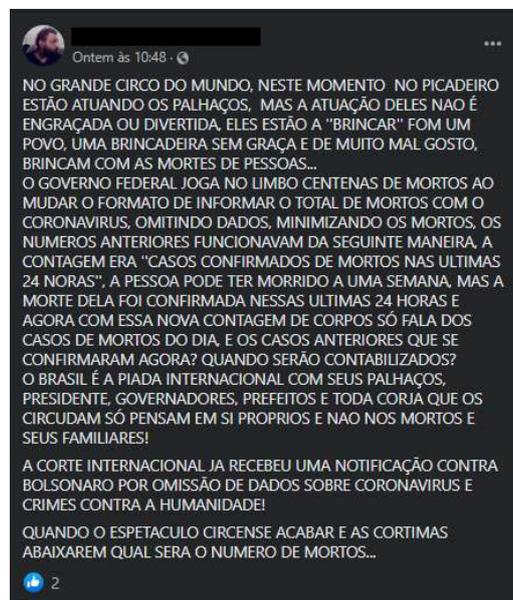
Uma das características do movimento Punk é o seu caráter politizado (GALLO, 2008; SILVA; SILVA, 2019; ROSSETTI; SANTORO JUNIOR, 2015). Ou seja, ele em sua própria definição e criação possui elementos que o tornam um movimento com uma alta carga política, manifestando-se através da contestação, do lema *Do it yourself* e da atitude de tentar chocar a sociedade através do comportamento antinormativo, de suas roupas rasgadas e de seus penteados no estilo “moicano”. Há registros de que o movimento nasceu nos Estados Unidos na década de 1960 (CAIAFA, 1985; SILVA; SILVA, 2019), mas foi na Inglaterra que teve seu auge nos anos 1970, pela insatisfação das camadas mais pobres da sociedade inglesa por conta da situação trabalhista precária, vindo de uma juventude sem otimismo com o futuro (GALLO, 2008). “O movimento Punk, entretanto, não deixa de ser político, mesmo nas suas facções não-anarquistas, uma vez que promove um combate diário e em pequena escala contra as teias do poder” (GALLO, 2008). A partir deste trecho, podemos notar que a característica política do movimento é algo que faz parte da constituição do que seria alguém que se identifica como punk. Logo, não é errado inferir que pessoas que se consideram fazer parte do movimento, ou que se apropriam de algum elemento dele, estão interessadas na política ou em algum tipo de transformação social. Comumente, rotulariam essas pessoas como

“engajadas politicamente”, querendo dizer que possuem um interesse pelas questões de governança dentro da sociedade e que querem transformar a sociedade de alguma forma.

Os punks, na direção contrária, sempre levantam um discurso radicalmente oposto que, apesar de plural e às vezes divergentes entre os próprios punks, enfaticamente contesta toda forma de hierarquia e governo, prega um mundo mais igualitário e sem a subjugação das classes altas contra os pobres, além de, várias vezes, levantarem o ideal de mundo anarquista como forma de organização social e política (SILVA; SILVA, 2019).

A questão das divergências dentro do movimento será abordada mais à frente, mas o essencial de inferir deste trecho é como, de fato, a política é uma parte essencial do que seria um punk, já que a transformação social é um elemento que o indivíduo que se vê dentro do Punk possui como uma bandeira e como um motor para as suas ações no meio social em que vive. Portanto, independente de possíveis discordâncias entre membros do próprio movimento, o Punk possui, como foi visto, desde sua criação, uma forte característica política e de engajamento de seus membros em pautas acerca da desigualdade social, abusos de poder por parte das autoridades, igualdade entre todos os indivíduos e assim por diante.

Figura 2. Exemplo de post com teor político.



Fonte: retirado do grupo “Punk Rock - Hardcore Brasil (Sem reaçã)”. Disponível em <https://web.facebook.com/groups/1077580845709625/?post_id=1862926977175004>

Observando os grupos de Facebook, é possível notar como essa característica política é ainda presente, demonstrando-se através de postagens com algum acontecimento político da ocasião. Mesmo em grupos em que o foco não é promover discussões, postagens que fazem comentários sobre a realidade política do país são presentes. A figura 2, retirada do grupo “Punk Rock - Hardcore Brasil (Sem reaçã)”, que é voltado a discussões, mostra uma clara revolta com o governo atual. Nela, há uma reclamação de como o governo do presidente Jair Bolsonaro está lidando com a pandemia do coronavírus. Nesse caso específico, o autor do post compara a classe política com palhaços e diz que estão “brincando” com o povo. E vai mais além alegando que o presidente estaria escondendo o número de casos da Covid-19 no Brasil. No mesmo grupo, na figura 3 é possível observar a indignação por conta da repressão por conta do governo federal do festival “Facada Fest”, que teria alusão à fachada que Jair Bolsonaro levou enquanto ainda fazia campanha para a presidência, em 2018. Enquanto era Ministro

Figura 3. Exemplo de post com teor político com comentários.



Fonte: retirado do grupo “Punk Rock - Hardcore Brasil (Sem reaçã)”. Disponível em <https://web.facebook.com/groups/1077580845709625/?post_id=1763262857141417>

da Justiça do governo, Sergio Moro autorizou a investigação sobre o festival por conta de uma ilustração, assim como o nome, fazer uma referência ao episódio da fachada já mencionado. Em nota, o ministro disse considerar “grave o ato de publicar cartazes ou anúncios com o presidente da República ou qualquer cidadão decapitado, empalado ou esfaqueado”. Nesse caso, na postagem, nota-se os comentários também em revolta, mas destaca-se um que foi contra o pensamento hegemônico do grupo. O membro foi prontamente removido, pois foi considerado um “bolsominion” (apelido para aqueles que

defendem Jair Bolsonaro) e uma das regras do grupo é a proibição de pessoas que são consideradas “reaças”, ou seja, indivíduos alinhados à direita politicamente e conservadores. Já podemos também observar as divergências do movimento (SILVA; SILVA, 2019), mas este é um aspecto que iremos abordar mais à frente.

Voltando a falar sobre o aspecto politizado do Punk, era esperado que postagem com esse teor aparecessem. Mas esta é uma característica tão predominante no movimento que até em grupos que não foram criados necessariamente para esse tipo de discussão ainda há espaço para a revolta com as questões atuais. Esse é o caso da figura 4, retirada do grupo “História e memória punk no Brasil”, que foi criado com o intuito de ser uma espécie de arquivo para imagens, vídeos, textos e estudos sobre o Punk no Brasil. Porém, esse post em específico foge desta lógica ao expressar o repúdio contra a marcha de extrema direita que aconteceu dia 31 de maio de 2020 em Brasília. O episódio em si foi um protesto ao inquérito que tramitava no Supremo Tribunal Federal no qual investigava a ativista de extrema direita Sara Winter por disseminação de notícias falsas. A estética da marcha com as tochas fazia uma clara ilusão a outra marcha, a de Charlottesville, nos Estados Unidos, em 11 de agosto de 2017, na qual os manifestantes,

Figura 4. Post político fora de grupos de discussão



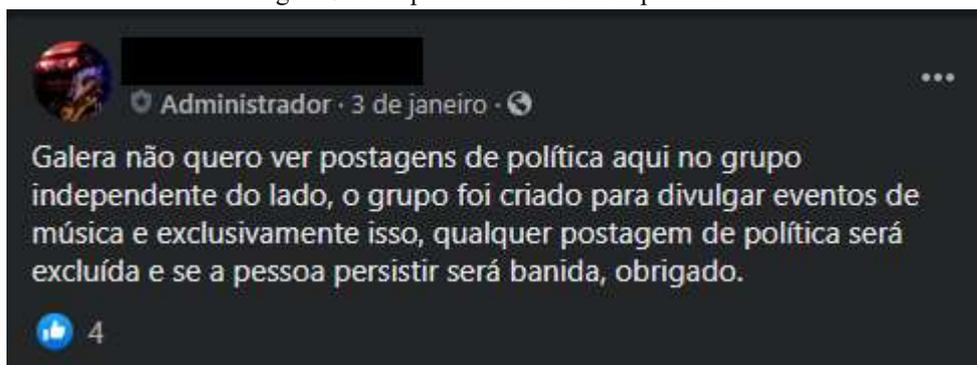
Fonte: retirado do grupo “História e memória do punk no Brasil”. Disponível em <https://web.facebook.com/groups/1404016093193515/?post_id=2557791944482585>

os quais se declaravam “nazistas”, empunhavam de tochas muito similares às do Brasil.

Portanto, há uma abertura para estabelecer discussões acerca da política, mesmo que vá na contramão de condutas pré-estabelecidas pelos administradores de cada grupo, pois, como o Punk tem uma origem engajada politicamente (CAIAFA, 1985; SILVA; SILVA, 2019), é natural que as pessoas que se enxergam como punks queiram ter tais conversas sobre.

Nestes exemplos dados, podemos ver como a característica politizadora do Punk ainda é presente em certos grupos. Porém, há casos em que a discussão acerca de assuntos do cenário político atual chega até a ser proibida. Esse é o caso da figura 5, a qual foi retirada do grupo “Roles de Metal, Punk, Rock n’ Roll de São Paulo”. Este grupo foi criado com a intenção de divulgar shows de bandas *underground* na capital paulista. Caso seguisse a tendência dos grupos anteriormente observados, esse também teria alguma forma de discussão política. Porém, como podemos ver na figura, um dos administradores fez uma postagem exclusiva para proibir discussões com esse teor.

Figura 5. Post proibindo discussões políticas



Fonte: retirado do grupo “Roles de Metal, Punk, Rock n’ Roll de São Paulo”.

Disponível em

<https://web.facebook.com/groups/570704693070036/?post_id=1631144287026066>

É compreensivo querer manter a intenção original do grupo de divulgar shows de bandas. Contudo é interessante observar que isso vai de encontro com o que Ronsini (2007) constatou. Ela identificou uma ruptura com a usual noção de que punks são sempre contestadores e que sempre procuram ocupar espaços públicos. Com a influência do Anarcopunk diminuindo nos anos de 1980, abriu espaço para que novas formas de se relacionar com o Punk fossem ganhando forma. Em um primeiro momento, surgiu, como ela denomina, o punk simbólico: um indivíduo que simpatiza com os ideários do Anarcopunk, demonstra revolta e consciência das questões sociais, frequenta as cenas *undergrounds*, mas não é ativamente filiado com as questões que tem simpatia. Esse punk ainda promove discussões, mas a politização diminuiu. Em um segundo momento,

novamente com a denominação dada pela autora, surge o punk de consumo. Nesse ponto começam a aparecer contradições grandes do Punk na sua constituição com o uso que esses indivíduos específicos fazem do movimento e de sua estética. Os punks de consumo utilizam-se da estética do modo de como se vestir e do que ouvir para se diferenciar em seu meio. Porém, se os outros tipos de punk tentavam ir contra o pensamento hegemônico, os de consumo se encontram praticamente inseridos. Esses punks esvaziam o sentido original do Punk e o vestem como uma moda vazia. Se os punks originais faziam de tudo o que era antinormativo, ou seja, não aceito pela sociedade, os de consumo fazem concessões o tempo todo para serem aceitos. Mas a diferença mais cabal é os punks de consumo acreditarem que é possível conseguir o que se quer através do Capitalismo, colocando em xeque um dos motivos da fundação do movimento Punk. “A politização dos anarcopunks se dissolveu em meio à sua transformação em produto de consumo” (RONSINI, 2007).

Ao citar esse estudo, o intuito não é apontar se a atitude apresentada na figura 5 é referente a um punk simbólico ou a um punk de consumo. Mas mostrar que há, sim, um esvaziamento da vertente politizadora do Punk. Óbvio que em casos mais extremos, como o afastamento ativo de discussões políticas, por exemplo, é mais fácil de notar esse fenômeno. Contudo, ele já acontece nas figuras 2, 3 e 4, uma vez que não há uma intenção de se fazer uma ação. Como visto no estudo de Ronsini (2007), a diluição do que era a ação política do Anarcopunk começou com a diminuição da participação ativa, restringindo-se à simpatia pelos ideais, mas sem a ocupação de espaços públicos. No momento em que um grupo que engloba punks não permite discussões acerca da política, mesmo se for prezando a organização, não é absurdo dizer que a característica politizada está mais esvaziada.

2. A identidade do punk

Tudo posto em discussão até o momento faz parte do que compõem a identidade do movimento. Para melhor entender a importância desse aspecto, Hall (2006) explica que a identidade “estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis”. Ou seja, quando conseguimos encaixar tal grupo em uma espécie de padrão, mais fácil é para o observador exterior compreender tais ações ou modos de pensar. Ao mesmo tempo, também

simplifica para quem se vê refletido nessa tal identidade, pois ela alinha as subjetividades de cada um com as questões mais concretas de tal cultura.

O fato de que projetamos a ‘nós próprios’ nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os ‘parte de nós’, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (HALL, 2006).

O Punk, em seu início, englobou jovens ingleses de bairros pobres que apresentavam um descontentamento com a vida que levavam (GALLO, 2008). A identidade do movimento serviu tanto para agrupar pessoas nessa situação, criando um espaço de troca de ideias que correspondiam com as questões subjetivas de cada um, como para propriamente caracterizar o Punk como movimento. Como bem apontou Silva (2000), ao afirmarmos uma identidade, estamos automaticamente negando todas as outras que são contraditórias. Portanto, quando o jovem se diz “punk”, ele está se colocando contra aquilo que ele não se vê representado. Seja em relação ao governo, à sociedade, à família, à mídia e assim por diante. Podemos então dizer que a identidade do “eu sou” é, consequentemente a identidade do “eu não sou” (HALL, 2006). Na questão de formação de identidades, Woodward (2000) destaca a importância que a produção de representações e discursos possui nessa situação.

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2000).

Nessa perspectiva, a identidade, seja individual ou coletiva, está subjugada pelo meio em que determinada pessoa está e em que estrutura social e econômica pertence. Esses fatores são importantes, pois eles constituem os discursos e as representações dentro dessa sociedade que moldam certas visões sobre determinados assuntos. Como vivemos em um mundo globalizado com trocas de informação constantes, é difícil haver diferenças grandes, em questão de comportamento, entre a sociedade brasileira e a inglesa, por exemplo, mas as assimetrias ainda existem. Quanto mais isolada uma

sociedade é das outras, maior a probabilidade de ela criar discursos e representações diferentes. A evolução do Capitalismo, através da globalização, ao longo dos anos, portanto, foi decisiva para estabelecer uma homogeneidade em diferentes sociedades (HALL, 2006), pois, com a maioria dos estado-nações dentro do mesmo sistema e fazendo constantes trocas materiais e de informações, é natural que os discursos e representações sejam, de certa forma, alinhados entre eles. Esse fator, provavelmente, foi de grande importância para adesão ao Punk, não só na Inglaterra, como em várias partes do mundo. Contudo é verdade que, na época em que surgiu, o mundo capitalista não era exatamente globalizado. A disseminação da internet para a população no geral, a qual não era uma realidade nos anos de 1970 e 1980, foi importante para agilizar as comunicações e fazer o limite entre as fronteiras perder um pouco de seu sentido. Naquela época, a informação vinda de fora tinha dificuldade de chegar se não fosse noticiada por algum veículo noticioso e isso explicaria a chegada tardia do Punk aqui no Brasil (ROSSETTI; SANTORO JUNIOR, 2015).

Só podemos inferir a noção de uma identidade “pura” em uma idealização do movimento. “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2006). Neste trecho, Hall (2006) argumenta que a modernidade colocou em contestação a existência de uma identidade unificada e estável. Na verdade, existiriam, dentro de cada pessoa, identidades contraditórias e que são priorizadas dependendo do momento e, por isso, podem mudar no decorrer do tempo. Olhando a partir desta perspectiva, pode-se traçar um paralelo com o movimento Punk: até mesmo em sua idealização, foi criado existindo identidades conflitantes, como o *Anarcopunk* e o *Skinhead* (RONSINI, 2007). Portanto, podemos concluir que a noção de uma identidade unificada é impraticável. Até mesmo Hall (2006) diz que a ideia de uma identidade que nunca se altera e permanece em um estado de imobilidade é uma fantasia. “Tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto, tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade” (SILVA, 2000). É importante frisar que o fato de não haver uma unificação e coerência na identidade do movimento não o deslegitima de ser um. Pelo contrário, essa pluralidade faz parte do Punk e todas as identidades que fazem parte ajudam a definir o movimento, mesmo que seja uma definição complexa.

Não diretamente referenciando, mas como um complemento a esse raciocínio, Silva (2000) mostra que as identidades são reafirmadas através da repetição de certos atos que a reforçam. Porém, ao mesmo tempo que essa repetibilidade é o que dá sentido, ela pode ser interrompida por conta de questionamentos da ordem vigente. É a partir deste contexto disruptivo que se estabelece a crise e que novas identidades podem surgir.

É essa possibilidade de interromper o processo de ‘recorte e colagem’, de efetuar uma parada no processo de ‘citationalidade’ que caracteriza os atos performativos que reforçam as diferenças instauradas, que torna possível pensar na produção de novas e renovadas identidades (SILVA, 2000).

Ou seja, as identidades são colocadas em questionamento no momento em que não fazem mais sentido e os atos que servem como reforço a ela são questionados. Podemos olhar para o Punk tanto com sendo fruto de uma disrupção do que era considerado hegemônico na sociedade, mas também podemos olhar, mais para frente, sofrendo deste mesmo questionamento dentro de uma sociedade em que os discursos por ele propostos já não reverberavam do mesmo jeito. O movimento surgiu justamente do descontentamento que jovens sentiam de suas vidas por conta da ascensão do discurso conservador e pelo sentimento de que suas liberdades estavam sendo restringidas (GALLO, 2008). Contudo, ao passo que conquistas sociais eram alcançadas e já não havia um contexto socioeconômico que justificasse o movimento como era em seu princípio, o Punk continuou a existir, como existe até hoje, contudo a forma de ser punk, ou seja, a identidade de quem se considera punk, sofreu alterações por conta da progressão natural do tempo, como ilustrou Ronsini (2007). Para Gallo (2008), a perda de espaço do Punk nos tempos atuais se dá muito pela falta de flexibilidade do movimento às mudanças inevitáveis dentro da sociedade e a falta de espaço para contestações internas, indo de encontro com a perspectiva de Woodward (2000) citada anteriormente.

No intuito de contribuir para uma reflexão, eu diria que o punk sofre o mesmo dilema dos grupos que se organizam de formas diferentes, mas pretendem não se contaminar por influências externas, como se isso fosse possível. Na maior parte dos casos, observasse que se uma ética estrita é o que garante a manutenção de uma prática e de um discurso radicais de oposição, por outro lado, a continuidade deste afastamento compromete a própria existência do grupo, pois desprovido dos meios do diálogo, tende ao aniquilamento. Em segundo lugar, a resistência a um contato, impede que algumas ações sejam avaliadas com mais clareza, pois

quando rechaçam o conhecimento, atuam mais no nível de uma auto avaliação de superfície (GALLO, 2008).

Woodward (2000) argumenta que o que ocasiona esse abalo nas identidades modernas é o deslocamento dos centros que as tornariam mais sólidas e um dos centros que sofreu tal deslocamento foi a noção de classe social. Antes, ela era definidora de todas as outras relações sociais e, portanto, muito importante na constituição de identidades. Mesmo o Punk surgindo já na era moderna, sofreu muito com a influência da noção de classe social por ter sido constituída em seu início por, principalmente, jovens de bairros operários que reivindicavam um espaço mais digno dentro da sociedade (GALLO, 2008). Com o deslocamento deste centro em específico e o surgimento de novas formas de se definir, como gênero, raça, orientação sexual e assim por diante, o protagonismo da classe social começou a diminuir e, por isso, crises nas identidades que se apoiavam nela começaram a acontecer.

O conceito de classe social tem sido evitado, entre outros motivos, pela perda do seu significado político e, especialmente nos países de capitalismo avançado, pela sua insuficiência em explicar os fenômenos sociais, econômicos e culturais, dando-se relevância a outras distinções como as étnicas, de gênero, de credo religioso, entre outras, que parecem determinar os conflitos contemporâneos (RONSINI, 2007).

Claro que o Punk lutava por uma igualdade geral, mas, ao passo que novas formas de se definir perante a ordem vigente surgiam, o movimento teve que se reformular, dando espaço, também, para reivindicação de maneira mais destacada a pautas ligadas ao direito das mulheres, por exemplo, como é o caso da banda brasileira Charlotte Matou um Cara, a qual muitas de suas músicas tem como tema o combate ao patriarcado e a constituição de um empoderamento feminino.

As vantagens desse deslocamento da classe social podem ser ilustradas pela relativa diminuição da importância das afiliações baseadas na classe, tais como os sindicatos operários e o surgimento de outras arenas de conflito social, tais como as baseadas no gênero, na 'raça', na etnia ou na sexualidade (WOODWARD, 2000).

Por isso observamos nos dias de hoje uma emergência para as “políticas de identidade”. Grupos que antes eram marginalizados socialmente (pessoas LGBTQIA+, afrodescendentes, mulheres e entre outros) passaram a questionar a formação de discursos acerca de suas identidades e reivindicaram a constituição delas. Dessa forma, a modernidade possibilitou que posições políticas que se baseavam na questão das classes sociais começassem a dar lugar para pautas identitárias (WOODWARD, 2000). O que isso quer dizer é que o mundo passa por tantas inovações e em um espaço de tempo tão curto que não há mais como fugir da renovação de relações, visões de mundo e, por consequência, de novas identidades que passam a questionar o discurso hegemônico.

Como Hall (2006) argumenta, a noção de que a identidade é algo fixo e imutável se perdeu com a chegada da modernidade e as diversas questões sociais que ela trouxe. Na verdade, o processo de avanço da sociedade, como visto, é natural do próprio curso da história. O que a modernidade e a pós-modernidade trouxeram foi o acentuamento deste processo por conta dos avanços tecnológicos e comunicacionais. A mudança se tornou algo tão intenso e impossível de negar que geraram as tais “crises de identidade” e os fenômenos que Hall (2006) citou. Woodward (2000) acrescenta neste ponto colocando a identidade como algo plural, no sentido de que uma pessoa pode assumir diferentes identidades dependendo do contexto em que ela está. Em situações diferentes, como o ambiente de trabalho, ou o familiar, ou o escolar, como exemplos, comportamos de maneiras diferentes, ou seja, assumimos um modo de ser em cada caso.

Em todas essas situações, podemos nos sentir, literalmente, como sendo a mesma pessoa, mas nós somos, na verdade, diferentemente posicionados pelas diferentes expectativas e restrições sociais envolvidas em cada uma dessas diferentes situações, representando-nos, diante dos outros, de forma diferente em cada um desses contextos (WOODWARD, 2000).

Portanto, em uma noção mais atual, podemos entender a identidade como algo fluido e que pode seguir mudando ao longo do tempo por diversas influências ao seu redor. Com isso, olhando para os grupos de Facebook, podemos entender que o espaço em que eles estão mais suscetíveis exercer a identidade “punk”. Pode ser que em outros espaços, apresentem pouco essa ligação com o movimento, ou até não dar nenhum indício. A questão é que a fragmentação identitária faz parte da modernidade e convivemos com ela o tempo todo.

Hall (2006) admite que os efeitos da globalização são diversos e até mesmo contraditórios. Ainda não seria possível prever todas essas consequências que foram mais intensas do que eram antecipadas. Mesmo assim, vê a possibilidade desse fenômeno em “descentralizar o Ocidente”.

Os deslocamentos ou os desvios da globalização mostram-se, afinal, mais variados e mais contraditórios do que sugerem seus protagonistas ou seus oponentes. Entretanto, isto também sugere que, embora alimentada, sob muitos aspectos, pelo Ocidente, a globalização pode acabar sendo parte daquele lento e desigual, mas continuado, descentramento do Ocidente (HALL, 2006).

Aqui podemos inferir, mais uma vez, a inevitabilidade dos avanços, mesmo, como já mostrado anteriormente, havendo tentativas sucessivas de voltar a um passado que já não existe mais. Woodward (2000) acrescenta que os sistemas classificatórios que a sociedade impõe são simplificados demais, não abarcando a questão individual em cada caso. Isso levaria, portanto, a um descentramento dessa categorização, a qual tem o discurso hegemônico como influência.

Os sistemas sociais e simbólicos produzem as estruturas classificatórias que dão um certo sentido e uma certa ordem à vida social e as distinções fundamentais - entre nós e eles, entre o fora e o dentro, entre o sagrado e o profano, entre o masculino e o feminino - que estão no centro dos sistemas de significação da cultura. Entretanto, esses sistemas classificatórios não podem explicar, sozinhos, o grau de investimento pessoal que os indivíduos têm nas identidades que assumem. A discussão das teorias psicanalíticas sugeriu que, embora as dimensões sociais e simbólicas da identidade sejam importantes para compreender como as posições de identidade são produzidas, é necessário estender essa análise, buscando compreender aqueles processos que asseguram o investimento do sujeito em uma identidade (WOODWARD, 2000).

Como podemos ver, antigamente, as identidades tinham um papel claro para dar um senso de organização para as sociedades e muitas vezes eram associadas às questões dos estados-nação. Porém, o mundo foi cada vez mais “encurtando” suas distâncias e trocas de informações e culturas viraram algo inevitável dada a internacionalização que a economia foi tomando. Nessas mudanças, que ficaram – e ainda ficam – cada vez mais intensas, as identidades passaram por transformações e até outras surgiram. Esse abalo e questionamento do discurso hegemônico gerou tanto a emergência pelas pautas

identitárias de grupos socialmente marginalizados que começam a reivindicar seus espaços, como também em uma resistência por partes de grupos que não querem aceitar a evolução natural do tempo, culminando em discursos segregatórios e que buscam no passado algo que sirva de “unificação”. Os autores citados olharam para essa questão de uma forma mais ampla e no que tange a sociedade como um todo, contudo podemos observar essas tendências no Punk e nos grupos de Facebook.

3. Conclusão

Depois da observação, ficou mais claro que o movimento sofreu mudanças que são inevitáveis no curso do tempo. A ideia do Punk sendo algo propositivo e que organiza ocupações de espaços públicos ficou mais no imaginário do que havia sido em seu começo. No entanto, isso não significa que deixou sua vertente política, como vimos através dos grupos de Facebook. O que passou a ser notado foi a permanência do interesse voltados a questões que tangem a sociedade, como a organização política, por exemplo. Porém ela está mais ligada agora a um sentimento reformista do que revolucionário.

Essa mudança de mentalidade se dá muito por uma questão de progressão natural das identidades, ou seja, da forma de se enxergar, neste caso específico, dentro do movimento Punk. No princípio, com o peso maior dado à questão de classe, o movimento tinha uma clara aspiração revolucionária por conta da ligação com a ideologia do Anarquismo. Com a globalização e a comunicação entre culturas diferentes, as sociedades conseguiram ter um nivelamento através do aprimoramento do Capitalismo. Isso fez inevitavelmente punks serem cooptados pela lógica do consumo e passarem a ter uma visão muito mais de convivência do que revolucionária. Vale ressaltar que isso é notado mais em pessoas mais jovens, ou seja, que cresceram dentro do mundo já globalizado de forma mais plena. Ao mesmo tempo em que esse processo de “homogeneização” das sociedades acontecia, as reivindicações de espaço na sociedade cresceram.

Sobre os grupos de Facebook, as interações observadas dentro de cada um foram bem interessantes para elucidar as questões levantadas e observar as relações entre os membros dentro do contexto da pandemia do coronavírus que o mundo se encontrava na época da pesquisa.

Dizer que o Punk teria acabado não é preciso, pois o movimento tem uma história que possui influência até os dias de hoje. O que foi observado é que, de fato, perdeu seu protagonismo e já não faz tanto sentido para a juventude atual, de uma forma geral. Com a evolução da sociedade, também mudam as formas com que as pessoas têm o desejo de se organizar politicamente, por exemplo. O Punk já foi o “espírito do tempo” entre os jovens, mas novas demandas surgiram dentre as pessoas e, com isso, diferentes formas de se relacionar com as questões sociais se fizeram necessárias.

Referências bibliográficas

CAIAFA, Janice. **Movimento Punk na Cidade: a invasão dos bandos sub.** Rio de Janeiro: Vozes Ltda, 1985.

GALLO, Ivone Cecília D’Ávilla. Punk: cultura e arte. **VARIA HISTORIA**, Belo Horizonte, v. 24, n. 40, p.747-770, jul./dez. 2008.

HALL, Stuart. **A identidade da cultura na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz T. Silva, Guacira L. Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

RONSONI, Veneza V. Mayora. **Mercadores de sentido: consumo de mídia e identidade juvenis.** Porto Alegre: Sulina, 2007.

ROSSETTI, Regina; SANTORO JUNIOR, David. Distorções midiáticas do movimento Punk em tempos de autoritarismo político. **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora**, Juiz de Fora, v. 9, n. 2, dez. 2015.

SILVA, Jaddson Luis Souza; SILVA, Joel Cardoso da. PICHAÇÃO E PUNK ROCK: Uma performance da liberdade. **IAÇÁ: Artes da Cena**, Amapá, v. 2, n. 1, p. 43-56, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

Grupo pró-Bolsonaro protesta em frente ao STF com tochas e máscaras. **Folha de São Paulo**, Brasília, 31 mai. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/grupo-pro-bolsonaro-protesta-em-frente-ao-stf-com-tochas-e-mascaras.shtml?origin=folha#>. Acesso em: 12 out. 2020.

SENRA, Ricardo. 'Sou nazista, sim': o protesto da extrema-direita dos EUA contra negros, imigrantes, gays e judeus. **BBC News Brasil**, Charlottesville, 12 ago. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40910927>. Acesso em: 12 out. 2020.